
UMA BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO: TEOLOGIA, PENSAMENTO EVOLUCIONISTA E PROPOSTA SALVÍFICA DA ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AO CONDENADO

A short analysis of Relationship: Theology, Evolutionist thought and Salvific proposal of Association of Protection and Assistance to the Damned (Associação de Proteção e Assistência ao Condenado - APAC)

José do Nascimento Lira Júnior*

RESUMO

O presente artigo visa a analisar, de maneira objetiva, a relação entre três temas aparentemente não relacionáveis, a saber: teologia, pensamento evolucionista e proposta salvífica da APAC – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados. A relação acadêmica entre ciência e teologia é uma realidade, embora se trate de uma relação, via-de-regra, de conclusões antagônicas, na medida em que cada uma delas explica determinadas realidades de modos diferentes. Uma relação, portanto, denominada como “complicada”, pelo menos quando se trata do pensamento evolucionista. A partir da relação entre teologia e ciência evolutiva apresentada por Afonso Gárcia Rúbio (2012), o presente texto observará em que medida a salvação proposta pela instituição penal APAC é envolvida e afetada nessa relação.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia. Ciência Evolutiva. APAC.

ABSTRACT

This article aims at analyzing, objectively, the relationship between three apparently unrelated subjects, namely: theology, evolutionary thought and the salvation proposal by APAC – Associação de Proteção e Assistência ao Condenado. The academic relationship between science and theology is a reality, although it is usually taken as of antagonistic conclusions, in that each of them explains certain realities in different ways. Therefore, this relationship dictates how “complicated” it is, at least when it concerns the evolutionary thought. Starting from the relationship between theology and evolutionary science shown by Alfonso Garcia Rubio (2012), this text will observe to what extent the salvation proposed by the APAC penal institution is involved and affected by this relationship.

KEYWORDS

Theology. Evolutionary science. APAC.

* Doutorando em Teologia com concentração em Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professor de Hebraico Instrumental da graduação em Teologia da Escola de Ensino Superior FABRA, em Serra, Espírito Santo. Bolsista CAPES.
E-mail: prlirajunior@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de um desafio acadêmico lançado pelo professor Dr. Joel Amado, na disciplina de Antropologia Teológica do Doutorado em Teologia da PUC Rio. O professor incentivou seus alunos a elaborar uma sintética relação entre o tema estado na disciplina na ocasião, a saber, “Teologia e pensamento evolucionista”, e o tema pesquisado por cada aluno na elaboração de suas respectivas teses. Considerando que a proposta de pesquisa da tese de doutorado do autor é “‘Matar o criminoso e salvar o homem’ – análise da proposta salvífica da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados”, surgiu a ideia de analisar essa relação pela perspectiva soteriológica.

A partir dessa tarefa acadêmica despertou-se o interesse de ampliar um pouco mais a análise dessa relação que aqui se apresenta, ainda resumida. Num primeiro momento analisar-se-á a relação acadêmica entre a teologia e a ciência na sua peculiar área evolutiva. Depois verificar-se-á qual seja a proposta salvífica dessa instituição confessionalmente cristã, a APAC, cuja atuação baseia-se em sua filosofia “Matar o criminoso e salvar o homem”. Enfim, procurar-se-á verificar em que medida esses três assuntos se relacionam, a saber: a teologia, o pensamento evolutivo e a proposta salvífica da APAC. Consciente de que não se trata de uma análise simples, o que se pretende aqui é tentar levantar pistas para futuras reflexões.

1 TEOLOGIA E PENSAMENTO EVOLUCIONISTA

Relacionar teologia e ciência, como é sabido, sempre foi, pelos registros históricos de conhecimento geral, uma tarefa árdua. A teologia até a idade moderna foi acusada de não dar espaço à ciência. Em contrapartida, a ciência, a partir da sua autonomia, auxiliada pelo iluminismo amadurecido no século XVIII, foi acusada de irreverência com os dogmas. A partir do século XIX, especialmente com a publicação de *As origens das espécies*, de Darwin, o distanciamento entre teologia e ciência se acentuou, na medida em que os fundamentalismos em ambas foram estabelecidos. Tal distanciamento tem sido diminuído pelos espaços acadêmicos cada vez mais abertos às reflexões relacionadas ao diálogo.

A *relação acadêmica* entre ciência e teologia é uma realidade hoje, apesar das dificuldades, muito embora se trate de uma relação, via-de-regra, de conclusões antagônicas, no sentido de que cada uma delas explica determinadas existências de modos diferentes. Uma relação, portanto, adjetivada como “complicada”, pelo menos quando se trata do

pensamento evolucionista (RUBIO, 2013, p.17). Nesta proposta citar-se-á brevemente dois aspectos dessa relação, a saber, a pesquisa e o diálogo.

A começar dos objetos e meios de pesquisa dessas áreas é possível constatar uma inegável relação, embora sejam (esses objetos) comuns e as vias de análises incomuns. Afonso García Rúbio é um dos teólogos que estuda essa relação. Ele distingue bem o trabalho do cientista do trabalho do teólogo, ao mesmo tempo em que aponta alguns objetos de pesquisa em comum, como o ser humano e o cosmos, mesmo sendo analisados e apresentados de maneiras diferentes. O cientista pesquisa as realidades de maneira indutiva e empírica, sem uma preocupação com o transcendente, com o objetivo de “explicar o *como* e o *quando* dos eventos naturais”. O teólogo, por sua vez, tem como objeto Deus (o transcendente) observado e apresentado pelos “enunciados da fé e sobre a experiência da fé” (RUBIO, 2012, p. 23). Assim, a relação existente consiste no fato de que as duas áreas têm como objetos o ser humano e as realidades do mundo, embora cada uma os analise e os explique por vieses diferentes: o cientista pela evidência empírica e o teólogo pelos enunciados da fé.

Quanto ao diálogo, é evidente que o impasse entre o evolucionismo e o criacionismo – a primeira sendo rejeitada pela segunda – seja um dos seus maiores obstáculos. Pensar uma criação evolutiva, a partir de um mundo criado inacabado, com um ser humano “criado para criar” (GESCHÉ, 2003)¹, não convence os fundamentalismos presentes nos dois lados. Uma alternativa para essa relação dialogal seria a “articulação de sentido”:

Há também aqueles cientistas e teólogos que, conscientes do perigo do dualismo entre ciência e fé, procuram “uma articulação de sentido”, colaborando ambas na humanização do ser humano, que inclui a defesa e preservação do meio ambiente. Elas podem se complementar e se enriquecer mutuamente. Mas, para que isso aconteça, é necessário aceitar que existem diferentes níveis no conhecimento da realidade (ciência, arte, ética, religião). Em cada nível se dá um conhecimento verdadeiro e tem sentido cada explicação. Assim, é necessário superar o literalismo bíblico e científico bem como a tentação da extrapolação (RUBIO, 2012, p.24).

A preservação ambiental é um assunto de interesse interdisciplinar na medida em que é necessária à vida. Essa interdisciplinaridade está proporcionando à teologia uma relação dialogal não apenas com as ciências biológicas, mas também com as humanas e

¹ Adolphe Gesché trabalha o ser humano criado criador exercendo o seu direito e dever de liberdade de invenção em três direções: 1) Criado criador em relação ou cosmo, 2) Criado criador em relação a si mesmo, 3) Criado criador em relação a Deus. Em relação ao cosmos, a concepção geschéniana desse ser humano é de que ele não foi simplesmente *causado* – pois assim seria apenas uma *coisa* –, mas “foi *criado como causa*”, “criado para criar”.

com as exatas. Mas é com a primeira, em sua concepção evolutiva, que esse diálogo se apresenta de maneira cada vez mais desafiadora e promissora. Assim, esses dois aspectos relacionais entre teologia e pensamento evolucionista, a saber, a pesquisa e o diálogo, constituem-se propostas de análise relevantes. Tratam-se, portanto, de pistas merecedoras de maior dedicação investigativa.

2 PROPOSTA SALVÍFICA DA APAC

A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados é um modelo penitenciário alternativo que nasceu da ideia do advogado Mário Ottoboni, São José dos Campos-SP, no ano de 1972, após uma experiência mística que o tornaria conhecido como o “apóstolo” do método apaqueano, um “método com Deus”². A partir da experiência do método, inicialmente com simples assistência religiosa no Presídio de Humaitá, em São José dos Campos, Mário e sua equipe inicial, com cerca de quatorze voluntários da Pastoral Penitenciária, trabalharam sob a motivação da mensagem “Amando ao Próximo Amarás a Cristo” – esse foi o primeiro significado das iniciais APAC. Hoje o modelo conta com cerca de 43 unidades no Brasil³ e outras 27 distribuídas em países como Chile, Colômbia e Costa Rica⁴.

Nas APACs funcionam os três regimes de cumprimento de pena, a saber, o fechado, o semiaberto e o aberto. O diferencial visível constatado por aqueles que visitam uma penitenciária apaqueana pela primeira vez é o tratamento dado aos detentos, que lá são chamados de recuperandos. Não há presença policial ou agente penitenciário na APAC. Os presos é quem cuidam dos presos. São os recuperandos que abrem e fecham as portas

² OTTOBONI, Mário; FERREIRA, Valdeci Antônio. Parceiros da Ressurreição: Jornada de Libertação com Cristo e curso intensivo de conhecimento e aperfeiçoamento do método APAC, especialmente para presos. São Paulo: Paulinas, 2004.

³ Em Minas Gerais são 36 unidades apaqueanas, distribuídas nos municípios de Alfenas/MG, Arcos/MG, Campo Belo/MG, Canápolis/MG, Caratinga/MG, Conselheiro Lafaiete/MG, Frutal/MG, Governador Valadares/MG (Fem), Inhapim/MG, Itaúna/MG, Itaúna/MG (Fem), Ituiutaba/MG, Januária/MG, Lagoa da Prata/MG, Manhuaçu/MG, Minas Novas/MG, Nova Lima/MG, Paracatu/MG, Passos/MG, Patrocínio/MG, Patrocínio/MG Feminina, Pedra Azul/MG, Perdões/MG, Pirapora/MG, Pouso Alegre/MG, Pouso Alegre/MG (fem), Rio Piracicaba/MG, Santa Bárbara/MG, Santa Luzia/MG, Santa M. do Suaçui/MG, São João Del Rei/MG (Masc), São João Del Rei/MG (Fem), Sete Lagoas/MG, Teófilo Otoni/MG, Uberlândia/MG, Viçosa/MG. No Paraná são duas unidades, uma em Barracão/PR e outra em Pato Branco/PR. No Espírito Santo há uma unidade localizada em Cachoeiro do Itapemirim/ES. No Maranhão há três unidades localizadas em Coroatá/MA, em São Luís/MA e em Pedreiras/MA. E no Rio Grande do Norte há uma unidade no município de Macau/RN.

⁴ Dados informados pelo secretário da Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados em 07 de Nov. 2014. A FBAC é o órgão que congrega e orienta as APACs, tanto no Brasil como no exterior, foi criada em 1995, com escritório instalado na cidade de Itaúna-MG.

da unidade. Diferente do sistema penitenciário comum, onde os detentos são identificados pelo seu número, cada recuperando carrega no peito um crachá com o seu nome. Todas essas, e outras, peculiaridades partem dos doze elementos que se apresentam como pilares do método. Não cabe aqui a análise desses elementos, pois não é o objetivo do artigo – tais elementos estão disponíveis no site da instituição –, mas vale ressaltar que a Espiritualidade (atual 4º elemento) e a Jornada de Libertação com Cristo (12º elemento) oferecem pistas suficientes para se perceber que a proposta da APAC é salvífica. Tal proposta se dá na medida em que a APAC, inclusive através dos dois elementos citados, busca a evangelização e a ressocialização do (da) condenado (a) que cumpre pena em suas dependências.

A preocupação de muitas instituições e seguimentos religiosos (de cunho proselitista ou não) com os encarcerados, bem como a sua luta para que os direitos humanos sejam garantidos atrás das grades, é perceptível e legítima. Na citada pesquisa do doutorado em andamento verifica-se se, ou, em que medida, a preocupação da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado consiste em prestar um serviço que auxilia na promoção da dignidade do preso e, especialmente, que tipo de orientação salvífica (Quer da alma, quer do corpo – portanto, uma análise teológica e antropológica) lhe é oferecida. A análise do conceito apaqueano de salvação, em sua atuação a partir do slogan “Matar o criminoso e salvar o homem”, poderá contribuir para a continuidade de uma tarefa que o Pe. França Miranda chama de complexa e difícil: “Falar de salvação cristã”⁵.

A proposta salvífica da APAC parece ser, numa primeira leitura, antropológica e teológica: antropológica no sentido de que se objetiva recuperar (ressocializar) o delinquente em coerência com o atual Código Penal Brasileiro; teológica no sentido de que se objetiva uma recuperação e ressocialização a partir da experiência religiosa, especialmente a Cristã. Uma das evidências desse objetivo é o já citado 12º elemento, a *Jornada de Libertação com Cristo*⁶, um rito religioso (uma espécie de retiro espiritual) através do

⁵ MIRANDA, Mário de França. A Salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça. 3. Ed. São Paulo: Loyola, p.17

⁶ A “*Jornada de Libertação com Cristo*” é o 12º elemento; o ápice da metodologia apaqueana. Trata-se de três dias de reflexão cristã com os *recuperandos* que, nesse período são chamados de “*jornadeiros*”, seguindo um roteiro exaustivamente testado ao longo de vinte anos de experiência. Os palestrantes são, de preferência, membros do grupo de voluntários que conhecem o dia-a-dia do *recuperando* bem como a linguagem que facilitará a compreensão por parte dos *jornadeiros*. Para ser iniciado no método APAC é necessário, além da decisão judicial, a adesão do método por parte do condenado e a participação na *JLC*.

qual todo apaqueano deve participar pelo menos uma vez durante o período do cumprimento de pena na APAC.

3 TEOLOGIA, PENSAMENTO EVOLUCIONISTA E A PROPOSTA SALVÍFICA DA APAC

Depois de uma rápida passagem pela relação investigativa e relacional entre a teologia e a ciência, especialmente a evolutiva, bem como observar o resumo da história e proposta da APAC, resta, enfim, tentar explicar em que medida esses três assuntos se relacionam. Tal relação que aqui se destaca entre teologia (especialmente cristã), ciência (especificamente o pensamento evolucionista) e a proposta salvífica da APAC, consiste na salvação cristã – defendida pela teologia e comprometida pelo segundo dos três pilares da ciência evolutiva, a saber: a *seleção natural*. Nesta, apenas os mais fortes se sobressaem, sobrevivem, o que acaba acontecendo também na *seleção artificial* na medida em que é realizada pelos *naturalmente selecionados*. Aos mais fracos, aos mais vulneráveis, então, não se pode atribuir esperança de perpetuação. Trata-se, portanto, de uma relação que permite um diálogo aproximado pela busca comum do ser humano, mas distanciado pelo resultado a que chegam quanto à salvação/perpetuação desse ser humano.

Pelo menos duas ideias presentes na *seleção natural* contrariam e comprometem a *salvação cristã*: 1ª) *A auto-salvação dos mais fortes*: não haveria aqui a necessidade de um salvador num sentido antropológico, pois não há nada que um ser superior possa fazer para salvar o inferior, muito menos no sentido teológico, pois a subsistência depende da aptidão de cada ser para sobrepor os demais no processo evolutivo; 2ª) *A aniquilação dos mais fracos*: não haveria esperança de sobrevivência para os desprovidos de aptidões genóticas e fenóticas.

A *salvação cristã* parte da iniciativa de um ser extremamente forte, que se sobressai a todos os seres, a saber, Deus. Este, na pessoa do seu Filho encarnado, *distinto-relacional*⁷, vem ao homem criado, portanto, inferior, numa atitude *kenótica*, relacional, salvífica. O Verbo que se fez carne e *tabernaculou* entre nós (Jo. 1.1) paradoxalmente se humilhou sem comprometer a sua grandeza, e o fez com um objetivo: proporcionar ao ser humano, ao mais fraco, ao oprimido, ao miserável, ao menos favorecido..., a sua salvação.

⁷ AMADO, Joel Portela. Entre Deus e Darwin: contenda ou envolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vive-versa. In: _____; RUBIO, Afonso Garcia (Org.). Fé Cristã e Pensamento Evolucionista: Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012, pp. 100-102.

Trata-se, portanto (a *salvação cristã*) de uma tese teológica totalmente comprometida pela tese científica da *seleção natural* darwiniana.

Comprometida está, conseqüentemente, a proposta salvífica da APAC, porquanto visa a ajudar os desprovidos de liberdade que cumprem pena em suas unidades transformando os criminosos em homens salvos (livres) da delinquência – é o que pode, também, significar o slogan “*Matar o criminoso e salvar o homem*”. Aliás, comprometida pode estar até a “proposta salvífica” de qualquer código penal atual – isso pode ser melhor analisado – considerando o seu objetivo de cuidar do detendo visando a sua regeneração e ressocialização. A evolução do *direito penal* na história aponta para um destino do *inapto* (desviante social, degenerado nos séculos XVIII e XIX)⁸ diferente do destino do *inapto* (fraco) defendido pela *seleção natural*, ou seja: cada vez mais o *direito penal* visa à reeducação dos apenados para a sobrevivência deles próprios e dos que os cercam.

Há vários tipos de “*inaptos*” com os quais a sociedade em evolução precisa lidar, hoje, de uma maneira contrária à que é proposta pela ciência evolutiva. Tais “*inaptos*” tem oportunidades cada vez mais perceptíveis de sobrevivência, não apenas devido a aptidão que possuem em si mesmos de lutar pela vida, apesar das limitações, como também devido a solidariedade humana presente em sociedades que não mais toleram barbáries, exclusões sociais, crimes ecológicos, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira otimista, a relação entre teologia e a ciência evolutiva parece demonstrar que ainda há um considerável trajeto a ser percorrido até se chegar a um consenso. A teologia estará disposta a dialogar a partir de alguns aspectos em comum, como a ciência também está, mas dificilmente ambas estarão dispostas a comprometer convicções das

⁸ Convém lembrar, inclusive, a maneira eugênica como os indivíduos eram considerados etnicamente superiores, em detrimento da maneira degenerativa como o indivíduo desviante, anormal, era analisado na sociologia do século XVIII: “A Eugenia, como ciência baseava-se nas então recentes teorias da hereditariedade, mas como movimento social estava envolvida em propostas de melhora da hereditariedade pelo encorajamento da reprodução dos ‘sadios’ e, principalmente, pelo desencorajamento da reprodução dos ‘degenerados’, os quais deveriam abster as futuras gerações da herança de suas más características. Os ‘incapacitados’ receberam o rótulo de degenerados. Essa classificação significava que o indivíduo ‘degenerado’ teria um destino inevitável de fraqueza, doença e comportamento social perigoso. A degeneração era considerada uma condição hereditária adquirida sem nenhuma perspectiva de cura e, portanto, definitiva” (MISCOLCI, Richard. Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social. Disponível em <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/169/167>> Acesso em 29 de mai. 2015). Daí o incentivo para o racismo étnico (incluindo o programa nazista de “limpeza étnica”) bem como para a construção de uma ideia de crime como um aspecto hereditário

quais dependem a maneira de se observar os seus objetos e se chegar aos resultados. A ciência não abrirá mão do dado empírico, nem a teologia do dado de fé. Tal dificuldade não está relacionada apenas aos fundamentalismos presentes em ambas, cuja dificuldade de diálogo parece ser uma característica universal, mas pelas distintas e definidas peculiaridades de cada uma no que diz respeito aos óculos com os quais o ser humano e sua salvação/perpetuação são respectivamente observados. Contudo, essa relação, sobretudo a dialogal, requer investimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GESCHÉ, A., *O Ser Humano*. São Paulo: Paulinas, 2003.

MIRANDA, Mário de França. *A Salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. 3. ed. São Paulo: Loyola, .

RUBIO, Afonso Garcia. *A teologia da Criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo*. In:_____; AMADO, Joel Portela (Org.). *Fé Cristã e Pensamento Evolucionista: Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulinas, 2012.

AMADO, Joel Portela. *Entre Deus e Darwin: contenda ou envolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vivera*. In:_____; RUBIO, Afonso Garcia (Org.). *Fé Cristã e Pensamento Evolucionista: Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MISCOLCI, Richard. *Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social*. Disponível em <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/169/167>> Acesso em 29 de mai. 2015.

OTTOBONI, Mário; FERREIRA, Valdeci Antônio. *Parceiros da Ressurreição: Jornada de Libertação com Cristo e curso intensivo de conhecimento e aperfeiçoamento do método APAC, especialmente para presos*. São Paulo: Paulinas, 2004.